

O
GRUPO
DE
ESTUDO
E CRIAÇÃO
EXPERIMENTAL
DE
CINEMA - G R E C E C

DIA: 30.03.74
CLUBE DE CULTURA
INÍCIO: 20 HORAS
PREÇO: 3,00

apresenta

C I D A D ã O K A N E
(1941)

O FILME DE

O R S O N W E L L E S

FICHA TÉCNICA

Produção MERCURY-RKO

Direção de ORSON WELLES. Roteiro de
ORSON WELLES e HERMANN MANKIEWICZ.
Fotografia de GREG TOLLAND. Música de
BERNARD HERRMAN. Decorações de DARREL
SILVERA. Montagem de ROBERT WISE e
HARRI ROBSCH. Elenco: ORSON WELLES,
JOSEPH COTTEN, AGNES MOOREHEAD, EVER-
ETT SIOGARD, RUTH WARRICK e DOROTHY CUM-
MINGS.

Após a morte do magnata americano Charles Foster Kane, um jornalista é encarregado de reconstituir a vida do complexo personagem e de descobrir o significado de sua última palavra: ROSEBUD. Nessa reconstituição, emerge fatos de infância de Kane junto à mãe, da maneira como dirigia o jornal de sua propriedade, e como, através dele, chega a provocar a guerra de Cuba. Narra-se o casamento de Kane com a sobrinha do presidente dos Estados Unidos seus amores com uma jovem; seu divórcio, o novo casamento, o fracasso da candidatura presidencial de Kane, sendo levantado, por sua segunda mulher, seus desejos de vê-la tornar-se uma grande cantora, e de suas vidas na mansão de Xanadu, pertencendo, contudo ser decifração o significado da palavra. No final, o enigma se esclarece: num tranó que Kane possuía quando menino, encontra-se a inscrição: Rosebud.

CRÍTICA DE JEAN LITRY, extraída do
livro "Dictionnaire du Cinema",
Librairie Larousse - Paris, 1963.

A CONSTRUÇÃO DRAMÁTICA

Segundo a escola literária anglosaxônica surgida com James Joyce (Virginia Woolf, Aldus Huxley, Dos Passos, Faulkner), a narração é construída de maneira acronológica. A vida de Charles Foster Kane é reconstituída sob critérios, segundo a memória de diferentes narradores, segundo a incidência, também, que os fatos que eles evocam teve sobre sua personalidade. O filme segue, portanto, um caminho essencialmente psicológico. Certos fatos são reconstruídos diferentemente, segundo a visão que deles fazem um ou outro dos interessados. "Cidadão Kane" é uma espécie de enigma que se reconstitui diante de nossos olhos e cujo último elemento nos dá a chave. (Simbolicamente Susan passa seu tempo jogando "puzzle" na grande sala de Xanadu se mais poder encontrar as peças faltantes). Mas como assinala o diálogo "Nenhuma palavra pode explicar a vida de um homem. "Rosebud" (botão de rosa) é a palavra que falta, mas não explica o indivíduo apesar de revelá-lo. A palavra chave da história é, com efeito, a inscrição situada diante da grade de Xanadu, pela qual começa e termina o filme, "No trespassing" (Não entre): não se pode penetrar no interior de uma consciência. O "eu" é um mundo proibido. Não se apanha um homem senão pelo comportamento, as raízes de qual nos escapam. O repórter chega a reconstituir o indivíduo, o cidadão Kane, tal como qualquer um o pode conhecer, apreciá-lo ou detestá-lo, não pode descobrir o ser que estava no Cidadão Kane.

Fala-se do estilo "Barroco", do barroquismo a respeito da arte de Orson Welles. Trata-se de compreender: sua arte é brilhante, dionísica, o que é bem diferente. Se parvo empolada ou desequilibrada, não é senão superficial, porque nada é tão perfeitamente ordenado sob a aparência de desorden. Não é porque ele compõe em ocasiões, com elementos barrocos (o Castelo de Kanadu), que pode se dizer "autor de temperamento barroco". Em outras, se a narração de "Cidadão Kane" é empolada, é um conjunto rigorosamente preparado, organizado e composto. Exemplo: abre-se uma sequência penetrando numa boate por um telhado de vidro, de onde joga-se um primeiro olhar: gongorismo? maneirismo? Aparentemente, sim. Realmente é um simbolismo de arrebatamento, acompanhado de violação da personalidade de que sofre Susan quando os jornalistas vão entrevistá-la. A abundância de símbolos psicanalíticos dão ao filme um tom barroco, porque não se revolvam imediatamente seus sentidos. Num momento, um carro crusa por Kane e atira lodo sobre ele no momento que encontra Susan; e ele derrama cimento sobre si mesmo quando toma de uma trolha na ocasião da inauguração de um novo edifício (símbolo da autopunição). Assim, cada imagem do filme se ampara numa significação simbólica, que propõe elucidar o drama. "Cidadão Kane", em resumo, é o classicismo mais rigoroso aplicado a uma construção formal, mais inquietante que essas formas, o filme exprime igualmente as forças obscuras e contraditórias que as comandam.

FICHA TÉCNICA

Produção MERCURY-RKO

Direção de ORSON WELLES. Roteiro de ORSON WELLES e BERNARD LANKIEWICZ. Fotografia de GREG TOLLAND. Música de BERNARD HERNANN. Decorações de DARREL SILVERA. Montagem de ROBERT WISE e MARY ROBSON. Elenco: ORSON WELLES, JOSEPH COTTER, AGNES MOOREHEAD, EVERETT SDCANE, RUTH WARRICK e DOROTHY CUMINGS.

ANÁLISE TÉCNICA

A inovação principal de Orson Welles é a utilização do campo total (profundidade de campo). O emprego da objetiva com campo total permite a tomada sobre todos os planos, do mais próximo ao mais distante, assim ao invés de isolar sucessivamente fatos e personagens, de fragmentar a ação, Welles toma todo o conjunto, um grande cenário no qual os personagens evoluem em maiores ou menores primeiros planos segundo suas importâncias momentâneas. Os atos, e sobretudo as reações diferentes determinadas por uma causa, são apanhados simultaneamente. A diferença de comportamento permite a definição, ou o cerco dos personagens, enquanto a montagem é obtida com a continuidade de uma tomada móvel. O filme se caracteriza por seu ritmo, pela violência das imagens-choques e das tomadas curtas, que contrastam com as longas seqüências; pelos movimentos de câmera que partem de um longo plano fixo e aí terminam; pelo emprego do ângulo insólito (plongé e contra-plongé).

Pela concisão da forma sempre elíptica e simbólica, por sua original construção, pelo interesse psicológico e de crítica social que contém, "Cidadão Kane" é uma das obras mais importantes do cinema destes últimos vinte anos.